



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO-BRASILEIRA (UNILAB)
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO (PROGRAD)
INSTITUTO DE HUMANIDADES - IH
CURSO DE BACHARELADO EM HUMANIDADES (BHU)**

ANÉXIMANDRA DA SILVA

**ACÇÕES DE PROMOÇÃO E DIVULGAÇÃO DAS CULTURAS NA
UNILAB-CE: UM ESTUDO DO PROGRAMA DE EXTENSÃO VOZES
D'ÁFRICA E DO GRUPO UNICULTURAS**

**Redenção- CE
2018**

ANÉXIMANDRA DA SILVA

**AÇÕES DE PROMOÇÃO E DIVULGAÇÃO DAS CULTURAS NA UNILAB-CE: UM
ESTUDO DO PROGRAMA DE EXTENSÃO VOZES D'ÁFRICA E DO GRUPO
UNICULTURAS**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado do curso de Bacharelado em Humanidades (BHU) vinculado ao Instituto de Humanidades (IH) da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito final para obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. Lailson Ferreira da Silva

RESUMO

O presente projeto de pesquisa tem como objetivo central compreender como promoção e divulgação das manifestações culturais dos países que compõem a UNILAB podem contribuir para o respeito a diferença, a percepção sobre a diversidade das sociedades Africanas e convivência com a diversidade cultural no contexto na UNILAB, tendo como referência programa de extensão Vozes D'África e grupo de extensão Uniculturas. Para tanto, escolhemos os princípios do multiculturalismo como principal guia teórico dessa pesquisa. E, metodologicamente, realizaremos uma abordagem qualitativa focada na observação participante seguida de entrevista na busca de realizar uma escuta qualificada dos atores sociais em diversos espaços de atuação e desenvolvimento dos projetos de extensão.

PALAVRAS CHAVES: Extensão universitária, cultura, diferença e multiculturalismo.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	05
2. JUSTIFICATIVA.....	07
3. OBJETIVO GERAL.....	08
3.1 ESPECÍFICOS.....	08
4. PROBLEMATIZAÇÃO.....	09
5. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	11
6. METODOLOGIA.....	17
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	18

1. INTRODUÇÃO

O presente projeto é destinado ao trabalho da conclusão de curso Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB¹ - CE. E, discutirá os projetos de extensão voltados para promoção e divulgação das culturas dentro e fora da UNILAB; Vozes D'África e Uniculturas.

A extensão Universitária no Brasil, ocupa um espaço entre ensino e pesquisa, possibilitando a universidade cumprir com a sua obrigação de “função social”. No Fórum Nacional de Pró-Reitoria de Extensão, criado em 1987, foi definido que a o objetivo da extensão universitária é dar o caráter da “democratização do conhecimento” (NOGUEIRA, 2003).

No contexto da UNILAB, a Pró-Reitoria de Extensão Arte e Cultura (PROEX) foi criada em novembro de 2012, perante ato normativo da Universidade, tendo como objetivo contribuir com a missão institucional da UNILAB, no que se refere à integração dialógica com os diversos segmentos da sociedade nacional e internacional atendendo demandas de formação e produção de conhecimentos. Sua base metodológica está pautada na troca de saberes, científico e popular, no diálogo interno e externo à universidade, que regulamentada pela da resolução Nº 27/2011 de 12 de Dezembro de 2011 (PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO ARTE E CULTURA, UNILAB)

Nessa perspectiva busca fortalecer a indissociabilidade entre o ensino-pesquisa-extensão, desenvolver ações de extensão, arte e cultura envolvendo discentes, docentes, servidores e técnicos da UNILAB-CE, bem como a comunidade externa em consonância com a missão da universidade sob a forma de programas, projetos, eventos, cursos, prestação de serviços e publicações. Tendo como missão promover a extensão universitária da UNILAB focado na realidade local, nacional e internacional, visando o diálogo, troca de saberes e a produção de conhecimentos junto a coletivos sociais, étnicos e raciais em sua diversidade cultural.

Atualmente, Pró-Reitoria de Extensão Arte e Cultura recebe projetos por meio de editais com funcionamento e de fluxo contínuo. Tendo três (3) programas, e vinte e sete (27) projetos,

¹ UNILAB é a universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, na base da cooperação Sul-Sul, Brasil África, foi fundado pela lei nº 12.289, 20 de Julho de 2010, instalada em 25 de maio de 2011, está localizado no estado do Ceará e Bahia, conta com quatro campos sendo um em Bahia e três no Ceará, esse projeto é centrado no estado de Ceará, instalado no Maciço de Baturité na cidade de Redenção e Acarape, o centro administrativo fica no campo da Liberdade na Redenção. O Maciço de Baturité é uma formação geológica localizada no sertão central cearense, composta pelos municípios de Baturité, Pacoti, Palmácia, Guaramiranga, Mulungu, Aratuba, Capistrano, Itapiúna, Aracoiaba, Acarape, Redenção, Barreira e Ocara.

segundo PROEX relatório gerencial 2017², desenvolve suas ações a partir dos núcleos como Programa de Extensão, Arte e Cultura – (PIBEAC), Programa de Bolsas de Apoio a Grupos Artísticos – (PB-ART), Ações de Extensão, Arte e Cultura Fluxo Contínuo, e Programa de Bolsas de Extensão de Língua Estrangeira e Portuguesa – (PIBELPE).

Partindo desse panorama, escolhemos o programa Vozes D`África e grupo Uniculturas, que estão vinculados ao núcleo de cultura. Em linhas gerais tanto programa como projeto, estão voltados para promoção de divulgação da cultura, tendo em vista a presença de estudantes de várias nacionalidades dos países onde se fala a língua portuguesa: Angola, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Timor Leste, Cabo-Verde e Portugal³. Os projetos tiveram início no ano 2017 e são formados dos docentes das áreas de ciências humanas e discentes de diferentes cursos da UNILAB que são: Enfermagem, Agronomia, Bacharelado em Humanidades, Letras da Língua Portuguesa, Matemática, Física, Química, Engenharia de Energia, Sociologia, História, Pedagogia, Antropologia. As ações acontecem inteiramente na UNILAB e externamente nas escolas de Maciço de Baturité ou mediante convite para participação em eventos públicos.

No que se refere a programa Vozes D`África, no início foi formado em formato de projeto no outubro de 2016, depois com a sua grandeza de engloba vários projetos em seus eixos da música, dança, gastronomia, poesia, teatro, tranças e turbantes foi se transformando em programam no ano 2017, foi uma sugestão de parte da Pró-reitoria de Extensão Arte e Cultura (PROEX), que visa:

Analisar as diversidades culturais em África, a partir das especificidades de cada país que compõem a cooperação na UNILAB, com vista a fortalecimento dos grupos artísticos já existentes, de forma a consolidar PROGRAMA VOZES D'ÁFRICA, propor a arte e cultura como fonte, linguagem e metodologia de ensino de história africana, contribuindo para pluralidade de saberes e culturas, a universalização e democratização do conhecimento na sociedade brasileira. (PROGRAMA VOZES D'ÁFRICA, 2017)

Programa atua dentro e fora da Universidade, em forma oficinas e minicurso nas escolas do Maciço do Baturité assim como respondendo convites de atuação nas atividades ligado a cultura Africana.

No entanto grupo de extensão Uniculturas: “Unidos pela Integração”, criado no ano 2017, tem como objetivo de valorizar, divulgar e integrar as culturas dos Países que compõe a UNILAB, conta com eixos temáticos de Dança (Africana e Afro-Brasileira), Poesias, Oficinas de Línguas, Desfile e Moda Unifashion, Teatro- Afrisamé. Seu campo de atuação é tanto dentro da Universidade como na comunidade externa, incentivando assim troca de conhecimento e levar essa integração fora da Universidade.

²PROEXT, Relatório gerencial 2017, <http://www.unilab.edu.br/projetos-proex>

³ Vale ressaltar que Portugal ainda não chegou a enviar estudantes para estudar na UNILAB, mesmo fazendo parte da CPLP.

2. JUSTIFICATIVA

Antes de chegar a UNILAB em 2017, oriunda da Guiné-Bissau para cursar o Bacharelado em Humanidades; fiz pesquisas por meio da internet e fiquei sabendo que a UNILAB recebe estudantes de diferentes Países da África e um da Ásia tendo português como língua oficial, e suas referenciais cultural. A partir de então, fiquei curiosa e despertou em mim as primeiras inquietações em saber eles se relacionam nesse espaço, bem como quais as estratégias desenvolvidas pela universidade para lidar com essa diversidade.

Em 2017 recém-chegados a UNILAB presenciei a apresentação do programa “Uniculturas” ainda como projeto, nesse momento, estudantes de diversos Países expuseram diferentes manifestações culturais de seus países. Isso me levou a apreciar esse grupo e logo quis entender respeito de seu funcionamento e como esse tipo de organização pode ser umas das possibilidades para responder a minha inquietação antes da minha chegada a Universidade.

Esse contato me remeteu a memória referente às manifestações culturais vivenciadas em meu país de origem como por exemplo, o carnaval que ocupa um espaço do tempo de manifestações culturais em que se apresenta diferentes grupos étnicos cada qual mostra seus costumes. É um momento de festa no qual se mostra que podemos viver junto além das nossas diferenças.

Em 2017, conheci o grupo Vozes D’África também divulga as culturas africanas é composto por estudantes africanos, com diferentes eixos de atuação, no entanto gostei da proposta na qual fiz parte do programa no mesmo ano, no que se refere a minha convivência nesse programa vivencie uma experiência inesquecível que posso dizer que vou levar a vida toda, consigo aprender sobre culturas de outro Países da África que as vezes não é muito longa da minha, no que se refere a gastronomia, vestuário, modo de se comportar, os ensinamentos da família e como se estrutura, consegui descobrir que talvez a língua e o espaço que nos diferencia tanto, na programa Vozes D’África, aprendi muita coisa sobre sociedades africanas e valorizar a cultura Africana sem menosprezar dos outros, saber respeitar a diferença. No entanto, com decorrer do tempo da minha formação fico a apreciar as temáticas sobre cultura ou diversidade cultural e valorização da cultura, passei a olhar com outra visão, nisso deu-se mais um motivo para pesquisar sobre essa temática na UNILAB.

Em 2017, conheci o grupo Vozes D’África também divulga as culturas africanas é composto por estudantes africanos, com diferentes eixos de atuação, no entanto gostei da proposta na qual fiz parte do programa no mesmo ano, no que se refere a minha convivência nesse programa vivencie uma experiência inesquecível que posso dizer que vou levar a vida toda, consigo aprender sobre culturas de outros Países da África que as vezes não é muito longe da minha, no que se refere a gastronomia, vestuário, modo de se comportar, os ensinamentos da família e como se estrutura,

consegui descobrir que talvez a língua e o espaço que nos diferencia tanto, na programa Vozes D'África, aprendi muita coisa sobre sociedades africanas e valorizar a cultura Africana sem menosprezar dos outros, saber respeitar a diferença. No entanto, com decorrer do tempo da minha formação fico a apreciar as temáticas sobre cultura ou diversidade cultural e valorização da cultura, passei a olhar com outra visão, nisso deu-se mais um motivo para pesquisar sobre essa temática na UNILAB.

Percebi, dessa forma, que há objetivos comuns entre Programa Vozes D'África e Grupo de Extensão Uniculturas, ou seja, promover a integração de estudantes através da troca experiências fora de sala de aula e, ainda levar para comunidade externa o conhecimento sobre a cultura dos países que compõem a UNILAB.

Essas foram os motivos que me levaram a elaborar este projeto de pesquisa para apresentar como trabalho de conclusão de curso e requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em ciências humanas. Acredito que com a realização e sua conclusão estará disposição aos leitoras e leitores mais um material com informações sobre diversidades culturais que se encontra na universidade, como promoção diversidade cultural na UNILAB pode ser passadas através dos projetos de extensão como meio de fazer acontecer a integração dos estudantes que ainda está na sua fase construção e também para comunidade local, e mostrar a importância que a extensão tem para divulgação de conhecimento através da arte e cultura, que a universidade não só está formando quadros limitados nos conhecimentos científicos por outro lado também propõe um espaço de interação e de conhecimentos de caráter de intercultural, isto é, conhecer e respeitar a diferença.

3. OBJETIVO GERAL:

Compreender como promoção e divulgação das manifestações culturais podem contribuir para respeito a diferença dentro e fora da UNILAB, assim como a percepção sobre a diversidade das sociedades Africanas.

3.1 OBJETIVOS ESPECIFICOS:

- Apresentar a política de extensão da UNILAB com destaque para núcleo de cultura;
- Identificar métodos para promover integração entre estudantes de diversas nacionalidades;
- Perceber qual a percepção da comunidade externa sobre projetos de extensão;
- Entender como os projetos de extensão com base da promoção de cultura propõe a integração dos estudantes na UNILAB.

4. PROBLEMATIZAÇÃO

Os programas Uniculturas e Vozes D'África, respectivamente apresentam os seguintes objetivos gerais:

Vozes D'África visa analisar as diversidades culturais em África, a partir das especificidades de cada país que compõem a cooperação na UNILAB, com vista a fortalecimento dos grupos artísticos já existentes, de forma a consolidar PROGRAMA VOZES D'ÁFRICA, propor a arte e cultura como fonte, linguagem e metodologia de ensino de história africana, contribuindo para pluralidade de saberes e culturas, a universalização e democratização do conhecimento na sociedade brasileira. (PROGRAMA VOZES D'ÁFRICA, 2017).

O objetivo central do grupo é integrar os países parceiros da UNILAB em um espaço de integração cultural e de desenvolver atividades contínuas, minicursos, palestras e mostras culturais com o intuito de (de) mostrar as diversidades culturais existentes e as possibilidades de conhecer cada uma delas. Além disso, nas comunidades externas, buscaremos da visibilidade as diferenças culturais presentes na UNILAB e municípios atendidos, preparando o cidadão para viver em sociedade multiculturais. (UNICULTURAS, 2017)

Pode-se perceber que ambos os projetos têm objetivos de promover e divulgar a diversidade cultural que há na UNILAB, com intuito de fomentar uma reflexão acerca das diferenças culturais dentro e fora dos espaços da universidade, isto é, abrangendo também a comunidade externa.

Vale ressaltar que sendo a UNILAB uma universidade construída a partir do reencontro entre África e Brasil, especialmente como a Comunidade dos Países da Língua Portuguesa (CPLP) e Países de África da Língua Oficial Portuguesa (PALOP), tem em seu projeto a perspectiva da

internacionalização e integração, se propondo a realizar um ensino com base na interdisciplinaridade e promovendo o intercâmbio cultural.

Ao mesmo tempo que a UNILAB se propõe a promoção do intercâmbio cultural, também acaba sendo um espaço de encontro de “culturas”. Dessa forma, podemos afirmar que este se constitui como um grande desafio para UNILAB, ou seja, como integrar estudantes de diversas nacionalidades, bem como dar visibilidade as suas expressões culturais. Nesse sentido, podemos nos perguntar porque é necessário dar visibilidade as “culturas” dos (as) estudantes estrangeiros no contexto do Maciço de Baturité?

Como se tem conhecimento ao longo de várias gerações construiu-se uma imagem da África como uma unidade e permeada de estereótipos e alicerçada no tradicional, não considerando suas dinâmicas externas e as diversas maneiras pelas quais as diversas sociedades africanas se refazem (Appiah, 1997).

No Brasil, muitas dessas imagens são reforçadas tendo em vista o processo de escravização de povos das várias nacionalidades africanas e, por conseguinte a presença de afrodescendentes continua sendo um dos grandes entraves na sociedade brasileira diante da formulação do mito da democracia racial ou de que somos um país mestiço; dificultando o debate em torno das questões raciais no Brasil. Dessa forma, continuamos mascarando o fato de que o Brasil é um país racista.

Portanto, para realização da pesquisa alguns questionamentos serão norteadores: até que ponto a divulgação e promoção da cultura, nos possibilita a construir as bases para uma sociedade baseada nos princípios do multiculturalismo? Como os projetos de extensão pode ser pertinente para ajudar na integração dos estudantes através na divulgação das culturas? E em que medida o debate em torno da cultura nos possibilitará a construção de uma rede de relação de igualdade na diferença?

5. REFERENCIAL TEÓRICO

Tendo em vista o contexto no qual a pesquisa será desenvolvida, não podemos desconsiderar que a presença de estudantes internacionais em uma universidade construída em torno dos princípios da internacionalização e da parceria com os países de língua portuguesa, nos remete inicialmente ao diálogo em torno das questões raciais, especificamente no Brasil, como também das múltiplas expressões do racismo em diversas sociedades, inclusive daquelas de onde os estudantes internacionais são oriundos.

Munanga (2003), aborda questão racial e racismo, procurando compreender o porquê da classificação da raça e como essa classificação tem a sua consequência até atual. Segundo o autor, a raça é a divisão dos seres humanos baseado na hierarquização e dominação. Ainda explica que a raça não pode ser explicada a partir da biologia, mas sim é uma construção ideológica, ressaltou que há raça feitiços na mente da sociedade, e é isso que produz e reproduz o racismo, ou outro lado pode-se dizer que divisão racial é a ideia que separa seres humanos.

O racismo seria assim, a crença na existência da raça naturalmente hierarquizada pela relação intrínseca entre físico e o moral, o físico e o intelecto, o físico e a cultura”, ou seja, os traços físicos que caracterizava o que a pessoa é ou grupo pode ser, tudo isso nos mantém distantes dos outros em vez de aprender com eles. Agora racismo tomou novo rumo que tem base “nas diferenças culturais e identitárias” de acordo com Munanga (2003).

No mesmo direcionamento SCHWARCZ (2010) afirma que o racismo, significa a “naturalização das diferenças” continuando dizendo que é “fenômeno social mesmo sendo justificado por fundamentos biológicos” em outras palavras aponta que é construído nas relações sociais, no meio da convivência, no encontro das culturas, a autora fundamenta que a “humanidade é una, mas a cultura que são plurais” isso mostra que o mundo é único e é marcado pela sua diversidade cultural, que os Europeus recusam de enxergar ao associando a escravidão com civilização, aculturação.

No Brasil a questão racial, deu início a construção da nação brasileira, de acordo com SCHWARCZ, é a “elaboração de discursos de ordem mais ou menos nacionalista”, ou seja, é a unificação das raças, mas no fundo á racismo, os negros não fazem parte da classe média do País, percebe-se que ainda está no lugar do inferior na sociedade brasileira. Ainda continua autora “o racismo persiste como fenômeno social (...), é por isso que, no país, seguem-se muito mais as marcas de aparências física, que por sua vez integram status e condição social”, isto é, mesmo que preconceito contra raça é negado pela maioria de que não existe ainda há nessa sociedade porque foi naturalizado com a implementação da “democracia racial” questionado por muitos autores.

No contexto que se encontra o país, hoje, vale a pena pensar como é que se deu esse processo a partir das diferentes localidades dos Estados que o compõem, para facilitar a melhor compreensão desse assunto faremos um recorte para o Estado do Ceará, isto é, a questão racial, levando em consideração o nosso lugar de fala UNILAB-CE. Nesse sentido procuramos desvendar o discurso sobre a existência do negro nesse estado.

De acordo com RATTIS (2004), o discurso de que “no Ceará não existe índios nem negros” segundo ele: “Tal discurso se vincula ao processo de formulação das identidades nacional e regional o que nos possibilita afirmar que mito de democracia racial se especializa no Brasil dentro de forma diferencial”, o autor nos remete a pensar sobre esse discurso porque na verdade existe índio e negro no estado do Ceará, porém, um discurso como esse pode causar grandes constrangimentos pela população negra que existe nesse estado.

Segundo Rocha e Silva (2005)

A cultura, portanto, estabelece normas básicas de comportamento, mas ela é regulada por um número finito de regras, permitindo diversas variações dentro de uma única cultura. Esse conjunto de regras define como classificamos o mundo. Uma única cultura possui várias formas de atualização e expressão (ROCHA e SILVA, 2005 p.11)

De acordo com a autora, a cultura é norteada de regras que modelam o comportamento das pessoas num grupo e este possui uma seria de variação, isso significa que não é estática. Como conceito da cultura é abordado por diferentes autores como da ciência social, por outro lado Martins (2007) definiu cultura como conjunto dos símbolos que nos identifica como: “língua, espaço, religião, parentesco [...]”, isto é, o modo como nós apresentamos perante a sociedade.

Da Mata (1981) apresenta que o bom mecanismo para entender a sociedade pode ser a cultura, nisso a cultura pode servir como base para compreender o outro, e vai depender de como será interpretado, podemos continuar com essa ideia de que é preciso entendê-la (cultura) a partir do próprio nativo. Podemos concluir de que a cultura seria normas que conduz um grupo de pessoas e símbolos que a partir dela consegue se comunicar, e é o instrumento que diferencia esse grupo com os demais.

Vale ressaltar que a cultura não é herança genética como apontou Laraia (1986), de que a diferença entre seres humanos nos seus comportamentos não pode ser explicada só pelo seu espaço de convivência ou “nos seus aparatos biológicos”, passo que a cultura é que lhe difere dos outros animais da natureza. Na construção da ideia do que seria cultura o Mintz (1982), explicou como Tylor amou essa ideia do que seria conceito da cultura, e explicou como esse conceito era usado para classificar a sociedade:

Desde 1877, quando Edward Burnett Tylor empregou pela primeira vez o termo “cultura” para referir-se a todos os produtos comportamentais, espirituais e materiais da vida social humana, os sentidos mais antigos e restritos desse termo foram perdendo terreno. Entre esses sentidos mais antigos de cultura, dois, em especial, sobreviveram em formato modificado. Um deles é que em certas sociedades algumas pessoas possuem cultura, e outras não. O outro se refere ao conceito, próximo embora bastante diferente, de que certas sociedades possuem cultura, enquanto outras não. Estas duas ideias diferem qualitativamente; a primeira estabelece diferenças de grau, e a segunda, diferenças de espécie (MINTZ, 1982, p.226)

Prosseguindo com colocação do autor, essa divisão trouxe uma classificação das sociedades dos que têm e os que não têm cultura isso mostra uma certa ignorância por parte dos homens porque pensamento como esse demonstra a superioridade de um grupo sobre outro Para esse autor a cultura é um produto social, também afirma que nenhum “comportamento humano” é compreendido no seu total individualmente, ou seja, só é capaz de entender ação de uma pessoa no meio da sua relação com o outro, isso significa que interação faz parte dele, é um elemento essencial na sua formação como um ser social.

A cultura sendo um produto social contribui muito na formação de identidade do indivíduo por outro lado também pode ser política a questão do poder no caso da construção da identidade nacional, ela pode desempenhar um importante papel para da implementação da democracia, mas a partir da realidade local quebrando com a hegemonia cultural, ou seja, universalização da cultura. Para MARTINS:

A segunda metade de sec. XX, ao menos no mundo ocidental de tradição cultural europeia viu desenvolver-se uma frenética busca de identidade social, política, econômica e cultural de indivíduos e grupos, etnia e sociedade [...] (MARTINS, 2007, p.30)

Ressaltando ainda que essa ideologia continua, podemos perceber isso com o neocolonialismo que não vamos entrar em detalhes. BRANT (2009) fez questão de afirmar que “culturas não são universais, modos de vida, costumes e crenças também não” essa ideia se

enquadra quando se pretende eliminar outras culturas a favor de construir uma única que parece ser solução, mas que pode gerar grandes problemas. Também fez uma análise sobre a ação da Declaração Universal dos Direitos Humanos, segundo ele essa organização não está cumprindo com suas funções que é um lugar de todas as vozes que o próprio nome conta, mas sim “traz consigo uma série de limitações” segundo autor.

É importante começar a refletir sobre o que é comum e do que tem que ser diferente para identificar, havendo momento que pode se identificar primeiro com uma identidade comum como, por exemplo, quando estamos num outro país que não é de origem nos identificamos um pouco com a cultura local, mas sem descartar as nossa. Admitimos a possibilidade de perder alguma coisa sobre a cultura de origem nesse contexto, aí entra a questão da crise de identidade porque muitas vezes o indivíduo pode ou não acreditar mais na sua cultura em detrimento da outra cultura.

Assim, é pertinente falar do multiculturalismo é muito interessante, porque possibilita-nos a posicionar diante desse desafio, temos que começar a aceitar o que somos sem ter receio porque o outro não vai querer relacionar comigo, têm que nos aceitar como somos não do que temos, uma sociedade baseada no multiculturalismo, tenta eliminar os traços de racismos e preconceito contra o diferente ou aquilo que pensamos que é do outro que não tem nada comigo. O Brasil é um país de encontro de culturas seria bom que uma relação solida entre as populações, quando aceitar a diferença e conviver com ela buscando assim construir uma sociedade com base de “igualdade na diferença”, isso também seria viável para a nossa Universidade já o foco central desse trabalho é a UNILAB, procurar manter uma relação de interculturalidade como sendo um espaço de multiculturalismo.

Mas a final o que seria multiculturalismo? Quais são os desafios que ele traz para o mundo de globalização, de homogeneização cultural e em busca da identidade cultural nacional? Será que é possível existir o que ele propõe? Como será o mundo se fosse assim? Essas inquietações podemos ajudar a pensar profundamente sobre as nossas ações no mundo que estamos a construir ou inventar.

Para responder os questionários acima, colocadas nessa caminhada encontraremos diversas ideias que nos ajudam a pensar e depois tirar nossas conclusões. A questão do multiculturalismo relaciona-se com a questão da diversidade cultural e identidade cultural, por outro lado não podemos restringir só a abordar essa questão apenas no âmbito da diversidade cultural, mas entender também a relação intercultural quais são seus impactos numa sociedade e os cuidados a serem tomados, o TROURANE (1997), preocupa-se com a ideia de interculturalidade, de sermos iguais, de partilharmos tudo, essa ideia de construção de nova identidade única, por outro lado estamos a perder a “nossa identidade”, isto é, num país há diferentes grupos culturais, com as suas diversidades desde a questão linguística, rituais, costumes, até mesmo modo de pensar o mundo, tudo isso é que nos diferencia dos outros, quando nós cruzamos com a cultura diferente de nós

começamos a estranhar, o que ROCHA (2006) vai dizendo “a diferença é ameaçadora porque fere a nossa própria identidade cultural”.

O estranhamento em relação ao modo de viver de se comportar do outro e passamos a dar valor só o da minha cultura, pode ser designado de “etnocentrismos” desenvolvido pelo Rocha (2006). Segundo o autor o etnocentrismos significa: “uma visão do mundo com a qual tomamos nosso próprio grupo como centro de tudo, e os demais grupos não pensados e sentidos pelos valores, nossos modelos, nossas definições do que é a existência”. Mostra uma ignorância, de não aceitar o diferente e que ele pode existir e a minha maneira de ver o mundo não pode ser o ideal para todas as pessoas ou sociedade. Por outro lado, o autor continua afirmando que no etnocentrismo existe “dois planos do espírito humano – sentimento e pensamento”, ou seja, é esse modo de pensar o outro e sensação que temos de que ele não pode conviver comigo se não comportar do meu jeito, isso é verificado mais claramente nos imigrantes.

Podemos dizer que foi nessa confusão toda de tentar acabar com a cultura de outro e implementar a sua, isso é como se fosse matar a pessoa que existia dentro dele e faz nascer o outro que nem ele sabe de onde saiu, traz a fluidez da identidade, viram que mundo não pode continuar a caminhar nessa direção, começou se a pensar numa outra alternativa que é o multiculturalismo que significa a convivência de diversas culturas no mesmo espaço, isto é, podemos viver juntos dependendo das nossas diferenças, onde Touraine tenta responder essa pergunta “como podemos viver juntos?” Respondeu de seguinte maneira, da “democracia política e da diversidade cultural baseada na liberdade do Sujeito” isso mostra que tudo que uma pessoa precisa é ser livre para que ela possa desenvolver o que tem para contribuir para sociedade. Por outro lado autor, afirma que:

O outro só pode ser reconhecido como tal se for compreendido, aceite e amado como Sujeito, como trabalho de combinação, na unidade de uma vida e de um projeto de vida, de uma ação instrumental e de uma vida identidade cultural que deve ser sempre destacada de formas historicamente determinado na organização social (TOURAINÉ, 1997, p.228).

De acordo com autor esse outro só é visto enquanto sujeito ativo quando é aceitado em todos os espaços, podemos ver que autor está se falando do multiculturalismo de modo como podemos conviver com o diferente, tentado quebrar o etnocentrismo de tudo que é meu grupo que é normal enquanto o diferente é anormal, a ideologia de multiculturalismo refuta essa ideia e dá a possibilidade de aceitarmos que pertencemos a única raça que é “Seres Humanos”. Por outro lado, André (2006) vai definindo multiculturalismo como “[...] estratégias de resistência à assimilação e a todo e qualquer tipo de etnocentrismo”, ainda ressaltou que para falar do multiculturalismo é pensar nos “projetos diferentes” ou seja esse projeto é pensado para o outro que é inferiorizado que é obrigado aceitar o que ele não é, o que nos chama mais atenção entre esses projetos é “política de reconhecimento” quando se pensa nessa política é valorizar esse diferente fazer ele sempre sentir incluído também “Sujeito” que autor sempre cita no seu trabalho, que significa sujeito enquanto cultural, político, social e individual.

Por outro lado, vimos que vale pena trazer como questão cultural é abordada na área de educação de acordo com Ramon (2005), ao questionar a relação que deve existir entre educação, sociedade e cultura, elencou que é preciso ter “respeito à diversidade cultural, da não indiferença aos processos específicos de produção social da cultura, nos diversos setores das atividades humanas”. (Ramão, 2003, p 132). Podemos ver que a problemática de multiculturalismo afeta todos os sectores da vida, pois são é lugar de socialização isso é que reflete a essência humana a relação com o outro, esse meio onde construímos a nossa pessoa, a partilha de experiências. Ao responder essa nova perspectiva de respeito e aceitar o diferente, como é visto de que desde formação do Estado-Nação os grupos não decidem por si só, agora existe entidade maior o Estado, que responsabiliza dos grupos para que possam existir uma convivência equilibrada na sociedade, mas, muitas vezes não acontecem assim.

O estado como produto de modernidade implementado pela a Europa, procura uma ideologia para ouvir e responder as demandas de população que a democracia significa todos têm direito, no entanto, d´Adesky, 1997, criticou o estado pela sua promoção da “identidade nacional” e acima da “identidade étnicas” tentar fazer desaparecer e homogeneizar assim as culturas, afirmando o autor:

O reconhecimento da existência de um pluralismo étnico, imbuído do reconhecimento adequado da imagem dos grupos étnicos pelo Estado, teria também efeitos deletérios sobre o discurso universalista dominante, baseado na ideia da fusão das raças e na assimilação por todos da cultura europeia supostamente superior (D´ADESKI, 1997, p167)

Pluralismo é sinônimo de multiculturalismo, autor destaca que a mudança tem que passar também para civilização universal (Europeia), que também constitui grandes problemas, que atribui as civilizações diferentes deles como os que não possuem cultura, é d´Adesky vai dizendo “A má percepção de um grupo pela sociedade pode engendrar em seus membros um complexo de inferioridade. ” Foi isso que aconteceu na época da colonização. Multiculturalismo traz grandes desafios para “identidade e o reconhecimento como afirma” como afirma Raguso:

Na verdade, o multiculturalismo é um desafio que nos interpela em profundidade porque põe uma pergunta decidida e urgente sobre a nossa própria identidade e sobre a identidade do outro; e o encontro com o outro, com toda a sua irredutível alteridade, em toda a sua verdade e complexidade, nunca é simples, automático, garantido. É um encontro que produz defesas e resistências de que talvez não tínhamos suspeitado; requer a paciência de procurar um terreno comum de encontro e de diálogo, ultrapassando a tentação das conclusões fáceis ou das categorizações preconceituosas e rígidas. (RAGUSO 2005, p.2)

Um dos desafios que o autor elenca é de superarmos a tentação das prévias leituras que fazemos antes de conhecer a pessoa, e preconceitos criados. O que está em jogo é que para manter a nossa identidade é preciso reconhecer ou seja aceitar do outro, e respeitá-lo para ser respeitado, assim vamos construir uma sociedade onde todos têm direito.

6. METODOLOGIA

Para desenvolvimento desse trabalho será usado método de pesquisa qualitativa que é usado nas pesquisas das ciências sociais e humanas:

A pesquisa qualitativa, hoje, é um campo transdisciplinar, envolvendo as ciências humanas e sócias, assumindo tradições ou multi paradigmas de análise, derivadas do positivismo, da fenomenologia, da hermenêutica, do marxismo, da teoria crítica e do construtivismo, e adotando multi métodos de investigação para estudos de um fenômeno situado no local em que ocorre, e enfim, procurando tanto encontrar o sentido desse fenômeno quanto interpretar os significados que as pessoas dão a eles (CHIZZOTT 2003, p. 201).

De acordo com a ideia do autor pesquisa qualitativa possibilita a pesquisador vários métodos que pode ser adequado para caso específico do seu problema e ele não limita o campo porque tem o caráter de “interdisciplinar” como apontou autor, nisso a nossa pesquisa vai abranger os estudantes e professore de diferentes cursos da UNILAB, e ainda pessoas das comunidades. Continua o autor “a pesquisa qualitativa pode ser designada pelo tipo de pesquisa: pesquisa etnográfica, participante, pesquisa-ação, história de vida etc.” Neste sentido, pretendemos usar a observação participante seguida de entrevistas.

Partindo da escolha dos procedimentos metodológicos, procuraremos acompanhar os membros dos referidos programas no momento de planejamento das atividades, bem como em suas apresentações dentro e fora da UNILAB. No contexto da UNILAB estaremos atentos em perceber como se dá o processo de interação entre os participantes na busca de consolidação da integração dos estudantes em um espaço marcado pela diversidade social e cultural.

No âmbito da comunidade externa, a intenção é observar como os espectadores das atividades recebem as atividades e que percepções constroem em torno daquilo que está sendo representado, fazendo na medida do possível uma comparação sobre suas ideias preconcebidas.

Em ambos os casos, as entrevistas serão um procedimento posterior, aproximando da definição de trabalho do antropólogo elaborada por Cardoso de Oliveira:

[...] a obtenção de explicações; dadas pelos próprios membros da comunidade investigada, permitiria se chegar àquilo que os antropólogos chamam de “modelo nativo”, matéria-prima para o entendimento antropológico. Tais explicações nativas só poderiam ser obtidas por meio da “entrevista”, portanto de um Ouvir todo especial. Mas, para isso, há de saber Ouvir (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1998, p. 19).

Como destaca Cardoso de Oliveira (1998), ao perguntar, o antropólogo escuta os indivíduos e tenta compreender como eles percebem a sua realidade, ou seja, como dão sentido as suas experiências e práticas cotidianas.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRÉ, João Maria, *Identidade (s), Multiculturalismo e Globalização*, Lisboa (Universidade de Coimbra), ed. Apf – Associação de Professores de Filosofia, 2006

BRANT, Leonardo, *O poder da cultura*, São Paulo, ed. Fundação Peirópolis, 2009.

CHIZZOTTI, Antonio, *A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução desafios*, Braga Portugal, *Revista portuguesa de educação*, año vol.16, números 002, 2003.

D'ADESKY, Jacques, *Pluralismo Étnico e Multiculturalismo*, São Paulo, 1997.

DA MATA, Roberto, *Você tem cultura*, Rio de Janeiro, 1981.

NOGUEIRA, Maria das Dores Pimentel, *O Fórum de Pró-reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras: um ator social em construção*, UFMG, *Interfaces - Revista de Extensão*, v. 1, n. 1, 2013.

FERNANDES, Florestan, *A integração do negro na sociedade de classes – 5.ed. – São Paulo: Globo, 2008.*

LARAIA, Roque de Barros, *Cultura: um conceito antropológico*, Rio de Janeiro: Zahar 1986.

MINTZ, Sidney W. *Cultura: uma visão antropológica*, Traduzido por James Emanuel de Albuquerque, tradução do ensaio “Culture: An Anthropological View publicado originalmente em *The Yale Review*, XVII (4), 1982, p. 499-512

NOGUEIRA, Maria das Dores Pimentel, *O Fórum de Pró-reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras: um ator social em construção*, UFMG, *Interfaces - Revista de Extensão*, v. 1, n. 1, 2013.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever*. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 39, n. 1, 1998.

RATTS, Alecsandro J. *As etnias e os outros: As especialidades dos encontros confrontos*, Espaço e cultura UERJ, RJ numero 17, 18; 2004.

ROCHA E SILVA, Anna Flávia. *Correspondentes Internacionais: Conflitando culturas*, FACOM/UFJF, 2006.

ROCHA, Everardo P. *Guimarães, O que é Etnocentrismo – São Paulo: Brasilense 2006*
RAGUSO, Fabrizia, *O desafio do multiculturalismo: entre a identidade e o reconhecimento*, Universidade Do Minho Braga, 2005.

ROMÃO, José Eustáquio, *Educação, Sociedade e culturas*, (2005), *Multiculturalidade na educação*, São Paulo, 2003.

TOUNAINÉ, Alain, Iguais e Diferentes, podemos viver juntos? Tradução Carlos Aboim de Brito, ed. Peaget, Lisboa, 1997.

SCHWARCZ, Lilian Moritz, O espetáculo das raças: cientistas, Instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930, São Paulo: Campanha das letras, 1993.